

Estrangeiros recontam *Os sertões*³

Angela Gutiérrez ⁴

Em 15 de maio de 1900, estando em São José do Rio Pardo, Euclides da Cunha, em carta a seu amigo da Bahia, Pethion de Villar, escreve:

“Meu livro sobre a interessantíssima luta nos sertões ainda não apareceu. Está, porém, agora – finalmente pronto (...) talvez não faça jus à consagração de uma versão para o francês a que espontânea e cavalheirescamente te propuseste quando aí estive. Transplantado à mais vibrátil das línguas, por um parisiense dos trópicos, temo que o meu estilo, algo bárbaro, não se afeiçoe a tão delicado relevo.

Em todo caso não me deslembrei do honroso oferecimento e caso desejares enviarei um excerto qualquer como prova indispensável”⁵.

Posteriormente, em 6 de fevereiro de 1903, dois meses após a publicação de *Os sertões*, Euclides volta a escrever, de Lorena, ao amigo baiano, insistindo na mesma questão: “E venho lembrar-lhe uma velha promessa, feita aí, quando *Os Sertões* (sic) era apenas um projeto: traduzi-lo em francês. Se quiser fazê-lo cedo-lhe todos os direitos, abrindo mão de todos os lucros materiais que disto me possam advir; e estou pronto a firmar qualquer compromisso escrito nesse sentido”⁶. Dois meses depois, em 28 de abril, agradecendo um cartão do amigo, elogioso ao livro, volta à questão da tradução: “Não deixe de mandar-me logo qualquer tradução que faça dos excertos escolhidos, dado que a rudeza do meu estilo se possa afeiçoar aos encantos de outra língua”⁷, o

3 Conferência pronunciada no SIMPÓSIO INTERNACIONAL OS SERTÕES, 1902-2002-Permanências e Rupturas – Salvador, 01 de dezembro de 2002.

4 Prof^a Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez; Membro da Academia Cearense de Letras, Professora do Departamento de Literatura da UFC; Doutora em Letras pela UFMG; autora de *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Rio de Janeiro: Sette Letras; Fortaleza: Ed. UFC, 1996 e de numerosos artigos em revistas sobre *Os sertões* e os romances canadinos.

5 GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (Orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997, p.118 e 119.

6 Idem, ibidem, p.147.

7 Idem, ibidem, p. 162

que demonstra cabalmente, pela insistência quase impertinente, mais ainda se levarmos em consideração o temperamento arredo do autor, seu forte interesse em ver o livro nas mãos de leitores estrangeiros.

A proposta a que se refere Euclides – tradução de sua obra por Egas Moniz –, todos sabemos, não se realizou, mas os trechos das cartas que a ela se referem dão-me o mote para começar esta conversa, pois tocam em pontos que interessam a seu desenrolar.

Primeiro ponto: o fato de que, mesmo antes de publicar seu livro no Brasil e logo depois da publicação e do sucesso de venda e de crítica, Euclides pensava em sua repercussão no estrangeiro, pretendendo dar-lhe uma versão em francês, idioma que, à época, melhor representava a modernidade da civilização ocidental, centrada em Paris, capital do mundo. Segundo ponto: seu desejo vinha temperado por um temor, talvez apenas retórico, da intraduzibilidade de seu discurso e de seu desmerecimento por ser bárbaro em relação ao “delicado relevo” do francês, considerado, então, paradigma de língua civilizada. Terceiro ponto: o elogio sutil do afrancesamento intelectual, contido na expressão “parisiense dos trópicos” com que se refere ao amigo, contraposto à consciência de ser bárbaro, (aliás, várias vezes encontrável em suas correspondência) reafirma o dilaceramento da antinomia civilização x barbárie tão presente no livro.

Os temores, retóricos ou reais, de intraduzibilidade do livro, explicitados nas cartas de Euclides, não se concretizam. A partir de 1938, com a versão para o espanhol de Benjamin de Garay (*Los Sertones*. Buenos Aires: Ministério de Justicia y Instrucción Publica. O mesmo tradutor assina duas outras edições castelhanas, *Los Sertones*, *La Tragedia del Hombre derrotado por el Medio*. Buenos Aires: Claridad, 1942 e *Los Sertones*. Buenos Aires: W.M. Jackson, 1945), *Os Sertões* vêm merecendo traduções em várias línguas, como francês, inglês, sueco, dinamarquês, holandês, chinês, italiano, alemão, entre outras. Desde a edição em espanhol, de 1942, Garay salienta, porém, em prefácio, que “... cuando se trata, como en el caso presente, de um libro prócer, de uma obra maestra a la vez que un documento histórico extraordi-

nario, claro está que la traducción ha de rayar también lo extraordinário en cuanto a dificultades y peligros de toda naturaleza que habrá de vencer”, chegando mesmo a afirmar que “Os Sertões es intraducible, rebeldemente intraducible”⁸.

Na primeira tradução para o inglês, de Samuel Putnam (*Rebellion in the Backlands*. Chicago: University of Chicago Press, 1944), a nota introdutória, a partir do título, enfatiza a maestria da obra de Euclides da Cunha: “ ‘Brazil’s greatest book’, a translator’s introduction” . O tradutor não economiza elogios à obra de Euclides, citando críticos brasileiros e estrangeiros e, reconhecendo o caráter seminal do livro: “Because he grappled with problem so valiantly and solded it in so extraordinary and individual a fashion, the author continues to be a symbol and a inspiration to creative writers”, referindo-se explicitamente aos escritores nordestinos que costumamos chamar de geração regionalista de 30 e ressaltando que a importância desses nas letras brasileiras constitui uma espécie de “invasion”⁹. Embora o tradutor não se refira ao caráter seminal d’ *Os sertões* enquanto germinador da ficção canadiana (e nem poderia fazê-lo, uma vez que, à época, ainda era incipiente o gênero), suas palavras tornam-se proféticas se considerarmos a hoje pujante literatura sobre Canudos, seja como tema central, seja como tema secundário¹⁰. No prefácio de Afrânio Peixoto, o escritor brasileiro, embora reconhecendo o livro de Euclides como um

8 GARAY, Benjamin de. Prefacio del traductor a la 2ªEdición. In: _____ CUNHA, Euclides da. *Los Sertones, la tragedia del hombre derrotado por el medio*. Buenos Aires: Claridad, 1942. não paginado.

9 No sentido que dá ao termo Rodrigo M. F. de Andrade. *Usina e a invasão dos nortistas. Boletim de Ariel*. n.2, p. 286-287, ago. 1936, p. 286-287. Suponho que o tradutor também tenha querido salientar uma invasão às avessas (com relação à Campanha de Canudos), do norte para o sul, do sertão para o litoral.

10 Ver GUTIÉRREZ, Angela. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Rio de Janeiro/Fortaleza; Sette Letras/Ed. UFC, 1996; _____Notícia sobre cem anos de ficção canadiana, *Revista Canudos*, v. 1, n.1, p.9-21, dez. 1996; _____O romance canadiano de 50. In: MODERNISMO: 80 anos. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 2002; _____La guerra del fin del mundo in der fiktionalen Literatur über Canudos: die “Rede-Figuren” . Die sozioreligiösen Bewegung von Canudos (1893-1897)Köln:IKO-Verlag, 1998., p.74-80.

“Gênese” com tom épico, liga-o a uma tradição norte-americana de *scholars*, citando a propósito vários *masters* de Euclides em sua obra maior: Orville Derby, Charles Frederick Hartt, entre outros.

Em francês, a primeira tradução data de 1947, por Madame Sereth Neu, em edição publicada no Brasil (Rio de Janeiro: Caravela). No prefácio ao livro, Afrânio Peixoto enfatiza que “Os Sertões n’a pas encore accompli sa tâche, il n’a pas atteint son but, l’âme distraite du Brésil; le Brésil ne peut encore le lire [...] Ce merveilleux livre existe maintenant em français... l’âme du monde le connaîtra. Euclides da Cunha pourra être entendu par l’univers; son pays finira, lui aussi, par l’entendre”. Ou seja, traduzido para o francês, “l’âme du monde”, o livro de Euclides poderia vir a ser entendido pelos brasileiros, o que reforça a questão da “mirada estrábica” dos intelectuais latino-americanos ou periféricos que se veem no espelho do Outro¹¹. Posteriormente, no centenário do fim da guerra de Canudos, o livro foi traduzido por dois eminentes conhecedores da língua francesa e da obra de Euclides, Jorge Coli e Antoine Seel (*Hautes Terres, La guerre de Canudos*. Paris: Editions Métailié, 1997), com quem tenho a honra de compartilhar desta mesa. Encontra-se conosco, também, Berthold Zilly, tradutor da obra para o alemão, certamente *ad astra per aspera*, embora ressalte que “o livro, sob alguns aspectos não é tão inacessível nem tão predominantemente brasileiro como às vezes se pensa”¹².

Citei como terceiro ponto, para começo de conversa, o afrancesamento da intelectualidade à época da publicação de *Os sertões*, ponto já assente na crítica da cultura brasileira e que aqui veio à baila apenas para ratificar o interesse de Euclides em colocar seu livro em estante acessível ao intelectual cosmopolita, o que em nada diminui a consciência de pertencer a uma cultura dilacerada entre dois mundos, condenada sisificamente a olhar-se no espelho europeu.

11 Ver GUTIÉRREZ, Angela. Os sertões, o olhar estrangeiro e a 'mirada estrábica', *Revista Canudos*, v. 7, n.6/7, p.147-157, jan./dez./2002.

12 ZILLY, Berthold. Um depoimento brasileiro para a história universal; traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha. *Humboldt*, Bonn, v. 38, n.72, p.8, 1996.

Em seu livro, *El espejo enterrado*¹³, o escritor mexicano Carlos Fuentes, lembrando o costume dos índios totonacas e igual costume mediterrâneo de enterrar espelhos, escolhe a imagem do espelho como seu guia na viagem que empreende entre a cultura da América Hispânica e a cultura espanhola, guia que lhe peço de empréstimo para uma viagem entre a cultura brasileira e a cultura estrangeira.

Em artigo publicado¹⁴ na *Revista Canudos*, do Centro de Estudos Euclides da Cunha, lançada neste Simpósio, comentei que o próprio narrador d'*Os sertões*, desde a primeira parte do livro, "A Terra", apresenta uma visão estrangeira do Brasil 'de dentro' ao travestir-se em viandante que, após longa travessia, depara-se com a paisagem impressionadora dos sertões. Esta atitude, que revela quem vem 'de fora', é mantida em todo o livro, apesar da simpatia que o autor manifesta pelos conselheiristas e da denúncia dos "crimes das nacionalidades".

Saliento, no mesmo artigo, o estatuto da obra como vertente da literatura de viajante, gênero tão a gosto dos leitores estrangeiros, especialmente alemães e franceses, no século XIX. Neste gênero, 'aquele que vem de fora' descreve e narra, com estranhamento, a realidade diferente que vê e sente, daí alcançando uma identificação com o virtual leitor 'de fora' que vê e sente através do olhar do narrador. A essa sensação de identificação do leitor, em busca do conhecimento do novo, mas com a segurança de obtê-lo através do olhar de alguém semelhante, ou seja, de alguém com seus mesmos padrões culturais, acrescento a impressão de verossimilhança própria do relato de quem conta o que viu.

Reconhecendo o liame especular que o intelectual brasileiro, sobretudo finissecular e *belle époque*, assume com relação à Europa, olhemos, agora, o outro lado do espelho, não mais o escritor brasileiro que se mira no espelho europeu para falar de sua nação mas o leitor estrangeiro que, enxergando-se no espelho de *Os sertões*, transforma-se em recontador da mesma história.

13 FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. México:Fondo de Cultura Económica, 1992.

14 GUTIÉRREZ, Angela. *Os sertões: o olhar estrangeiro e a 'mirada estrábica'*.

Neste ano de 2002, surge a versão brasileira de um livro de ficção, *Verdicto em Canudos*¹⁵, do húngaro Sándor Márai. Escrito no final dos anos 60 pelo escritor exilado, publicado originalmente em 70, no Canadá, o romance chega às mãos do leitor brasileiro no ano em que o livro-cânone sobre Canudos completa cem anos: *Os sertões*.

O aparecimento do romance suscita uma importante questão, exaustivamente formulada nos anos 80, quando foi publicado outro romance sobre Canudos, *A guerra do fim do mundo*¹⁶, do peruano Mario Vargas Llosa: por que a leitura de *Os sertões* incita estrangeiros a escrever sobre Canudos?

O primeiro romance de estrangeiro de que se tem notícia, escrito por leitor de *Os sertões*, sobre o episódio de Canudos, *Le mage du sertão*, do belga Lucien Marchal, foi publicado em francês, pela Librairie Plon, em 1952. Com ele, reabre-se o ciclo de ficção sobre Canudos, que se iniciara no período compreendido entre o fim da guerra e o início do século. Na primeira metade do século, acontece com o romance o que Calasans alerta com relação à literatura de cordel¹⁷, e o que Rachel de Queiroz comenta no prefácio a *João Abade*: a força inibidora da obra monumental de Euclides. Somente na década de 50, na literatura brasileira¹⁸, animam-se João Felício dos Santos e Paulo Dantas, a buscar caminhos narrativos diferentes de *Os sertões*, embora mantendo, em voz explícita dos autores, a afiliação ao grande livro, antecipados, porém,

15 MÁRAI, Sándor. *Verdicto em Canudos*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das letras, 2002

16 VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981. (versão brasileira: *A guerra do fim do mundo*. Trad. Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981).

17 CALASANS, José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Ática, 1984. (a publicação foi apoiada pela Fundação Cultural da Bahia), p.6 : "Desde o aparecimento de *Os sertões*, em 1902, até os anos 40, não somente a literatura de cordel como os estudos em geral sobre Canudos não são numerosos. Falava-se mais de Euclides da Cunha do que da Campanha de Canudos."

18 Fora do Brasil, o escocês Robert B. Cunningham Graham publicou uma narrativa: *A Brazilian Mystic, Being the Life and Miracles of Antonio Conselheiro*. Nova York: Dodd, Mead, 1920, muitas vezes apontada como uma versão condensada de *Os sertões*. Ver Garcia, Frederick C. H. Duas apresentações de Euclides da Cunha. *Luso-Brazilian Review*, n.9, p.23-34, 1972, entre outros.

pelo livro de Marchal que não teve tradução brasileira. Nascido na Bélgica, em 1893, por coincidência no ano de fundação de Belo Monte, Lucien Marchal veio, em 1922, para a América do Sul, tendo permanecido durante oito anos no Brasil¹⁹. Segundo o mestre de todos nós, José Calasans, recentemente falecido, há notícia de sua passagem pela Bahia²⁰.

Desde o prefácio do autor, depreende-se que *Le mage du sertão* é bem o livro do estrangeiro, escrito para estrangeiros. Depois de informar sucintamente sobre a Campanha de Canudos, acentuando a importância de *Os sertões* na bibliografia sobre o tema, endossa a tese racial de Euclides. *Le mage* atrela-se, assim, à ideologia racial exposta por Euclides, mas sem conseguir a genial ambiguidade do mestre, que se sobrepôs pela linguagem ao caráter perecível das teorias que ele mesmo propôs ou se impôs. Em sua própria composição tripartite - “Les Maciel”, “Canudos” e “La bataille” -, o livro de Marchal também remete à celebre divisão taineana de *Os sertões*. O relato, no entanto, em seu desenvolvimento da trama e dos personagens, revela-se o típico romance pitoresco, não faltando cenas de exotismo tropical e de erotismo dos mestiços - *batouqué, mulâtre* -, além daquelas de banditismo, tão a gosto de uma mediana visão estrangeira, estereotipada, do País.

O estudioso italiano Giorgio Marotti, em equilibrado livro de 1978, em que dá sua versão da guerra de Canudos, comenta um vezo do autor de *Le mage*: “i problemi tipici del Brasile vengono accortiaci ed allungati finché possono entrare negli schemi di un’ottica europea”, e resume admiravelmente bem sua opinião sobre livro de Marchal: “Un’opera che può essere presa ad esempio su come non si debba scrivere un romanzo sul *sertão*”²¹.

A duvidosa qualidade literária da obra, porém, não impediu que fosse traduzida para o inglês e o alemão dois anos após sua publica-

19 Ver orelhas da tradução inglesa do livro: MARCHAL, Lucien. *The sage of Canudos*. Trad. de Charles Duff. London: J.M.Dents, 1954.

20 SAMPAIO Neto, José Augusto et al. (orgs). *Canudos*, subsídios para a sua reavaliação histórica. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Monteiro Aranha, 1986, p.362.

21 MAROTTI, Giorgio. *Canudos*, storia di una guerra. Roma: Bulzoni, 1978, p.132.

ção em francês. Se, com relação à língua francesa e à língua inglesa, as edições de *Le mage* foram posteriores às primeiras traduções de *Os sertões* nessas línguas, com relação à língua alemã parece ter sido o primeiro contacto do leitor com uma narrativa da guerra de Canudos²². Por outro lado, também não invalida sua análise enquanto obra de um leitor estrangeiro de Euclides.

Apesar das inumeráveis distorções históricas, geográficas, culturais e linguísticas do romance de Marchal, o modelo narrativo de *Os sertões* é, ainda que atabalhoadamente, seguido, não só na divisão taineana como no seguimento cronológico e temático do fio da trama, ou seja: história da família Maciel, transformação de Antônio Maciel em Antônio Conselheiro, formação do séquito, desavenças com as autoridades, várias expedições contra Canudos, vida no arraial, expedição Moreira César, repercussão do fracasso dessa expedição, expedição final, morte do Conselheiro, cortejo de prisioneiras, destruição de Canudos.

Ator principal do drama de Canudos, Antônio Conselheiro poderia dizer como Mário de Andrade: “Sou trezentos!” Se seu retrato satanizado pela imprensa e pelos documentos dos poderes civil e religioso e pela própria sociedade do final do século XIX é caricatural e, até, grotesco, se seu retrato mais marcante na memória brasileira - aquele pintado por Euclides, no papel de “narrador sincero”, em *Os sertões* - é, no mínimo, paradoxal, sabemos que seu retrato presente nos textos que se assumem como ficcionais, acrescenta múltiplas e contraditórias faces ao beato de Belo Monte. No conjunto da ficção canudiana, inserem-se, de forma especial, os romances de autores estrangeiros (Lucien Marchal, Vargas Llosa, Sándor Márai, como os principais) que, sob o influxo do “olhar de fora”, atribuem traços peculiares ao Conselheiro e a seu território, em contraposição aos retratos debuxados por ficcionistas brasileiros.

22 Marechal, Lucien. *The sage of Canudos*. Trad. Charles Duff. Londres: J.M.Dent & Sons, 1954; _____. *Der Magier des Sertão*. Wien: Paul Neff Verlag, 1954.

Nos romances de Vargas Llosa e Sándor Márai, embora a visão histórica dos acontecimentos se diferencie dos parâmetros de Euclides, a herança de *Os sertões* continua perceptível, seja através do modelo temático e narrativo do texto euclidiano ou de referências implícitas ou explícitas ao livro. Como acontece com o escritor Vargas Llosa, a leitura d'*Os sertões* instiga Sándor Márai à escrita. "Como se existisse alguma coisa que tivesse de ser dita", explica o escritor húngaro em nota a seu romance. Os dois escritores, no entanto, seguem rumos diferentes em suas narrativas que recontam Canudos.

O romancista peruano, depois do deslumbramento com a leitura do clássico euclidiano, flaubertianamente pesquisa sobre o episódio, lendo tudo ou quase tudo que se escrevera sobre o tema, sob orientação de Mestre Calasans, e vem ao Brasil para conhecer de perto o sertão e os sertanejos, tendo como guia o historiador Renato Ferraz, querido amigo, há exatos dois meses falecido. Escritor que não esconde sua paixão pelo realismo, Vargas Llosa segue, na criação de seu romance canadiano, o credo da escola novecentista: documenta-se sobre o assunto e observa a realidade antes de criar o amplo painel totalizante d'*A guerra do fim do mundo*²³.

Único personagem cujos textos comparecem em 1ª pessoa na narrativa, através da transcrição de suas cartas (Parte 1: II, III, V), Gall incorpora um dos ângulos do modelo de escritor vargasllosiano: o estrangeiro, idealista e aventureiro, que recorre outros territórios, sem nunca encontrar seu lugar. Deixa com o Barão papéis que escrevera em Calumbi - " -Es un resumen de lo que soy, de lo que pienso." - que não serão lidos por seus correligionários, mas por aqueles a quem considerava inimigos, os monarquistas donos de terra. A leitura desses textos merece o comentário do Barão: " - Confunde la realidad y las ilusiones, no sabe dónde termina una y comienza la otra" que se poderia aplicar ao modelo de ficcionista exposto por Vargas Llosa em varios textos não-ficcionais, como *La verdad de las mentiras*. Aliás, o Barão, interlocutor do Jornalista Míope no longo diálogo final do livro, representa

23 Lembro aqui o minucioso livro de Leopoldo Bemucci - *Historia de un malentendido*, un estudio transtextual de La guerra del fin del mundo. New York, 1989. - em que examina as relações deste romance com outros textos e, especialmente, com *Os sertões*.

o contraponto à figura de Galileu Gall no romance: é o intelectual lúcido, desiludido, sem esperanças. Tudo fará para que o Jornalista não escreva o pretendido livro sobre Canudos, e decide que, se o for escrito, não o lerá.

O Jornalista Míope é o intelectual, inicialmente desencantado e insciente de seu país mas que, através de sons e odores de uma realidade que, ao perder os óculos, não pode enxergar, descobre um projeto para sua escrita. Ao amar Jurema, a mulher que Gall possuía pela violência, encontra o caminho que o aventureiro não soubera e não pudera trilhar.

O romancista húngaro, falecido em 89, que confessa ter lido *Os sertões* com dificuldade, em inglês, na tradução de Samuel Putman, decide “escrever sobre o que acreditava ter ficado ‘de fora’ do livro de Euclides”. Não conhecendo o Brasil nem a extensa bibliografia canudiana e euclidiana, Sándor Márai sabiamente opta por ficcionalizar apenas um recorte episódico que Euclides não contara: os acontecimentos do final da tarde e início da noite de 5 de outubro de 1897 – a data que marca o fim da guerra de Canudos, construindo a narrativa a partir da voz de O’Connel, filho de irlandês com brasileira de sangue índio, tornando mais verossímil seu olhar estrangeiro, que escute e entende a longa conversa em inglês entre o chefe militar Bittencourt e uma prisioneira.

A presença de Euclides é perceptível, ainda, na construção de um figurante, o jornalista Euclides, mas, especialmente, na referência e na reverência à sua obra, deixando avultar a sombra d’*Os sertões*, talvez mais do que o romancista suspeitar. Descontados alguns equívocos geográficos (a cabana de São José do Rio Pardo, onde Euclides escreveu *Os sertões*, localizada em São Paulo) e históricos (o imperador Dom Pedro, por volta de 1750, proibindo o contacto entre o habitante do litoral e o das matas) e, ainda, algumas inverossimilhanças ficcionais (Euclides vestindo roupas esfarrapadas e, principalmente, sendo um desconhecido para o Marechal Bittencourt, quando se sabe que foi para a guerra como adido ao estado maior do Ministro da Guerra) que o leitor brasileiro identificará, o romance de Márai pode ser incluído entre os bons textos ficcionais que *Os sertões* e Canudos inspiram.

Os dois grandes diálogos que perpassam *Verdicto* e *Guerra* acontecem entre pessoas da elite intelectual e dão margem aos autores para reflexões filosóficas ou metafísicas sobre a guerra de Canudos ou, simplesmente, sobre a guerra. Nos dois diálogos, defrontam-se personagens citadinos: de um lado, um citadino que não entende Canudos, do outro, um citadino simpatizante do arraial por ter vivido com seu povo. De todo modo, citadino, o que equivale dizer, alguém que não pertence a Belo Monte. Assim, no eixo dos dois romances, a visão de estrangeiro, embora estrangeiro “tocado” por Canudos, ou seja uma visão próxima à de Euclides n’*Os sertões*, permanece de diversos modos e permite a “invasão” dos escritores estrangeiros ao território de Canudos.